

A DEMOCRACIA

FOLHA REPUBLICANA

PROPRIEDADE DE DIAS & MELLO

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Anno II

ASSIGNATURAS

CORTE E PROVINCIAS

100000 POR ANNO

Rio de Janeiro, 1 de Dezembro de 1887

TYPOGRAPHIA

E ESCRIPTORIO

40 RUA DE S. JOSÉ 40

N. 46



Rio, 1 de Dezembro de 1887.

O "Correio de Campinas"

Devido aos bons ofícios de nosso distinto amigo e confrade o Sr. Jayme Dias, actualmente em viagem na província de S. Paulo, avistamo-nos em fins, com o *Correio de Campinas*, diário, segundo supomos, que, como o indica seu título, veio a luz na cidade de Campinas.

É um jornal como há muitos, sem intuições definidas, sem personalidade, sem interesse, perfeitamente característico e perfeitamente inofensivo e anti-syntaxico. Tem no cabeçalho os seguintes dizeres: *Correio de Campinas, propriedade de uma associação commanditária, director Henrique de Barcellos, anno III. n. 859*, além de outros que se referem aos preços de sua assignatura, à rua e ao número da casa de seu escriptorio de redacção e à condição de só receber assignaturas de mestre e de anno.

Nada de proprio, por conseguinte, de individual ou de significativo; todavia, e embora se recuse o leitor a nos dar credito, palpítou de intenso jubilo a nossa alma, quando fizemos o seu conhecimento. Não acredita?

Pois, palpítou.

Este sr. *Correio* é que é o autor de uns versos em prosa, que a *Gazeta de Notícias*, há cerca de oito dias, passou para suas colunas, e aos quais nos referimos, a propósito da comutação da pena de morte que pesa sobre José Pinto de Almeida Junior. Tão desastradamente e em tão má hora o fizemos, porém, que atirando sobre o que vímos fomos matar o que não vímos, isto é, que supondo rebater uma tirada lírica do *Correio Paulistano*, fomos irritar a vaidade de um redactor do *Correio de Campinas*, que muito impôs de sua glória de jornalista provinciano e do triunfo de se ver transcrita por duas folhas da capital de S. Paulo e por uma da capital do Império, não pôde sofrer que um jornal das modestas proporções da *Democracia* tivesse deixado de atirar por terra um golho diante da inviolabilidade de suas opiniões.

Mas, sr. *Correio*, repare que nós não o conhecemos, nem de vista, nem de nome, nem de fama, e que se nos assontamos a discordar de tão chorosas opiniões, foi isso resultado da circunstância de ignorarmos a preclara existência de vossa mercê.

E queira perdoar-nos.

Este sr. *Correio*, logo no alto da primeira coluna do numero que temos a vista, noticia sete aniversários natalícios, com muito brillantismo e independência. Em seguida, depois de uma tarja de luto aliviado, exclama *A pena ultima!* (quem diabo lhe ensinaria a accentuar aquelle à?) e mette o pé no barro por tres colunas abaixo, dizendo bem de si, mal de nós, ora erudito, ora

quixotesco, ora philanthropo, ora pílio, até por fim estender por sob o ultimo período do artigo, o nunca assás, o pípufante, o mirístico e sorpreendente pseudonymo—Hencebar.

Este sr. Hencebar molestado com-nosco pelas palavras que lhe não dirigimos a elle, nem ao seu Correio, enverze-se, dama-se e calunia-nos, com perversidade, com insídia, mas com logica.

A perversidade consiste em nos intrigar com o sr. Coelho Bastos, affirmando que o humilde ecrivão d'estas mal-aliñhavadas não é um homem bem educado, porque ataca o altar e o trono e confunde independência de carácter com insolência soez etc. A insídia de Hencebar cifra-se em concitar os poderes públicos a reprimir este vul-ástio que aqui está latente e temeroso, abrindo galerias subterrâneas na consciência nacional.

Logico entretanto logico como um demônio. Hencebar é um i conclusão cujas premissas estão estabelecidas sobre o dinheiro que o seu provavelmente defunto mestre lhe trouxe, e por isso tem períodos preciosos assim: «*E peior é tambem (dous peiores?) a insolencia com que o carnifex pluriativo (pensará elle que isto é latim e pluriativo de sucia?) da Democracia se refere aos filhos da Regente, uma senhora, (quem, os principes?) uma mãe quem, os filhos?) dupla corda que me diz?) mais respeitavel que a corda dos principes (de quais principes?) e que (e que o que, seu alquimista?) um homem bem educado (como por exemplo o illustre caixa da associação commanditária) em caso algum deve desrespeitar.*» Este interessado da commandita em associação provavelmente supõe que a arte de escrever consiste em ter calligraphia, e saber uma phrase de nome. Roland.

Pois, muito bem.

Este artigo está com geito de ser demasiado para a consideração que e força tributar a convicções tão profundas e tão belas como as d'este Stanly ignorado.

Não percamos tempo comitudo, e passemos a admirar o nos seus tão misticos transportes em face do espetro do cadasfalo. Oh! consciencia tu ás vezes altraçõas o teu proprietário ou peão, e firmas documentos...

Foi sobretudo edificante a greci com que Hencebar no fim do artigo, depois de esboçar o seu rico palavreado, citou a respeito de outras crudas e vinho do Reno a nunca suficientemente repetida e commentada phrase de nome. Roland: «*é liberdade, quantos crimes se cometem em seu nome!*» Na primeira oportunidade, amigo leitor, em se tratando por exemplo da comutação da pena de morte de Almeida Junior, vá ver que elle é capaz de aplicar a mesma phrase.

O leitor não acredita? E da de barato que, sendo o assumpto outras e vinho do Reno, elle o faça, embora seja preciso ao leitor requisitar cicerone para atingir a transcendencia kantiana de semelhante applicação, e não concede que a respeito da comutação de uma pena de morte, seja elle capaz de fazer outro tanto? Ah, o leitor não concede?

Pois, então, saiba que lhe fizemos uma pequenina trahição, — Hencebar

— sê benevolo tu, leitor amigo; observa que também não se pôde exigir muito mais de um jornalista (salvo seja!) que em 1887, antes contudo do fim do anno, discutindo a pena de morte em nome da civilisação, pede.... — imagina o que pede elle— pede a morte a pena! Em nome da civilisação! Em 1887! trinta e oito dias contudo antes de acatar o anno!

Depois, houve uma outra circunstancia, também de peso: — tratava-se de uma execução de sentença de morte, e como o leitor sahe, ha causas que sempre ocorrem n'estas alturas, e taes são a Revolução francesa, o Terror, Cromwell, Robespierre, Madame Roland, Santarre, etc.

Isto não deixa dúvida nas erudições baratas, — Madame Roland, ch'liberdado, quanto etc., pena de morte, cada falso, forca não são só ideias conganeras, sao palavras synonymas.

Vê pois, o leitor que quem tem razão e elle, — o ilustre caixi.

O diabo porém, foi o terrível jornalista a falar de u o po m de José Agostinho de Macedo que não conhece nos e que elle jornalista também não conhece, porque não existe: trouxeram isso à memoria um outro poema do mesmo José Agostinho, que tem existencia real e que é lá inflexível para os que, como Hencebar, andam n'elle incursos, como o Código Penal o foi para Almeida Junior. Esse poema é mesmo o Código Penal de Quidam, Hencebar e outros viventes do mundo jornalístico.

Depois de citar de falso u poema do autor do *Oriente*, Hencebar concordou em que se execute Almeida Junior, mas exige que seja o imperito escriptor d'estas linhas—o carrasco...

Oh aquelle, você excedeuse!... Você—a personificação do *Era no outono* em política e em sciencia social, você que não sabe o que é dyspnea, você que é um piegas estonteado, cheio de comiseração por aquella besta-fera do Almeida Junior e de todo em todo indiferente à pavorosa desgraça de Vitorino de Menezes, — você devia ao menos ter memoria e lembrar-se dos que, como denunciante e como espiões de polícia, já revelaram certa tendencia a sua causa...

E te Hencebar por ultimo, amigo leitor, exigiria muita paciencia da parte de quem o lesse, se não seduzisse com arrebatamento pelo brilho capitulo de sua fatuidade risível.

Com attitudes, com seriedade e com emphase falla na face gelada da lei e na pedra que rolou do alto da montanha; ouce se prova que o homensinho, se fosse orador, jamais deixaria de levantar a sua débil voz em todos os momentos solemnes, cumprindo assim um dos seus mais sagrados deveres.

Caia artigo de Hencebar d' ve ser um repositório inestimável de lugares comuns tornados originares por efeito da ausencia de grammatica. Já é talento...

Oh jornalista, oh caixa, tu és incorrecto, delicioso e zambro!

E eis coiso, caro leitor, o destino se compraz em ser irrisorio para algumas criaturas. Hencebar é jornalista!

Pobre Hencebar! Cumpre o teu fadado! anolce tua pena ao atrito de tua pelle, fricciona os membros locomotores com a materia prima que te fornece o teu eloquente pseudonymo, olha o futuro e vai Hencebar...

Vae.

Infernaes

I

— Senhor Papa, ó senhor Papa.

— Quem me chama?

— Eu, Astaroth, o diabo dos principes, dos grandes e dos Papas. Perdoa-me se interrompo a vossa prece, e se vos procure em vosso oratorio particular; e que estou muito contente e trago-vos boas notícias.

— Mas onde estás?

— Aqui, meu senhor, n'este raio de luta que vai escorregando pelas escamas da serpente pisada pela virgem d'este quadro, bem por cima do vosso genuflexorio.

Não vêdes como estou contente?

— Sim, mas acho o teu riso fatigado, ironico, mais vingativo que alegre; esse teu riso corta alguma cousa, ha como que sangue e carnes despedaçadas, lagrimas de infelizes, ais desesperados.

— Venho de longe, meu senhor, andei a voar a noite inteira, do Brasil até o vosso oratorio tão rico, tão cheio de luar!

Não vos agrada o meu riso?, mas um diabo honesto, um demônio ás direitas, só pode huir o seu riso na falsa devocão dos frivulos hypocritas, nos embustes dos padres, nas orgias dos devotos, em tudo o que é flagido, ridiculo, perverso e pudente. E essas lagrimas, estes suspiros e dores, esse cortar em carne humana, tudo isso que descobris em meu riso, e de que vos peço perdão, vem das fazendas que atravessei e onde a escravaria trabalhava ao sol sob o chicote e a injuria, e onde soluçava, à noite, no tronco e na seiza, sem amor, sem conforto, e sem deus que a protegesse.

— E vieste me contar essa desgraça, e vieste rir d'essa miseria?!

— Não, meu senhor, eu sou um diabo verdadeiro, e não lamento as desventuras humanas. Venho felicitar-vos pela boa colheita que os vossos padres, as vossas devotas, todas fidalgas, vethas fingindo de moças, jovens tafulonas, andam a resgatar entre ricos e pobres, grandes e pequenos, para o presente do vosso jubileu.

Bella caçada, senhor Papa, bella caçada eu vos garanto, e curioso é vera paciencia, o geito, a simulação, a docura da voz ou a imperiosidade lubrica do olhar; a temosia esperta, com que aquellas fidalgas arrancam dinheiro para vós, pobre encarcerado no primeiro palacio do mundo, humilde necessitado que tendes rendimento igual ao de uma grande nação, e dominas os povos com o vosso querer infallivel.

Já não tem choro o teu riso, Astaroth, mas tem a covardia do punhal do bandido, o visco da cobra, a alegria insultante da maladade vitoriosa. Por que te ris assim?

— Perdoa, meu senhor; mas consenti que eu me ria, orgulhoso, ao ver aquella devocão que vos amesquinha para obter dinheiro, e o vosso reinado, perturbando o engrandescimento da patria italiana com intrigas de rabulice ecclesiastica, querendo partir o solo divinizado pela conquista cheia de sacrifícios de vidas, de dedicações que os homens chamam heroicas, vós me orgulhaes, senhor Papa, fazendo aliança estreita com os protestantes da Alemanha contra a França, deixando que se erga a columna de ouro que os vossos padres e vossas devotas estão constru-

do, no Brasil quando os negros soluçam esfarrapados, sofrem castigos e injúrias, e morrem assassinados, depois de verem as amantes deshonradas, e os filhos cortados a chicote.

— Astaroth, Astaroth, que culpa tenho do que fazem lá tão longe? Não te rias assim, sinto de novo em teu riso o sangue, as lágrimas, os ais e as dores de uma multidão imensa.

— Perdão, meu senhor, eu sou um diabo, e folgo com o que se faz. Andei de parceria com essa piedade das fidalgas e dos padres, a umas aconselhei que afundassem o décote para que a vista do colo níveo e feiticeiro afogasse a recauda dos sollicitados: a outros que em seus sermões vos pintasse mendicante, prisioneiro, humilde, e enquanto vossos cardeas discutiam se a vossa festa devia ser deslumbrante para fascinar, ou modesta para mostrar-vos opprimido; enquanto se aumentavam as salas de vossa palacio para expor toda a vossa riquesa em alfaias, obras de arte, pedrarias, tapetes, moveis de luxo, eu ria-me dos pobres christos negros, que trabalhavam ao sol sob o chicote e a injuria, e a noite, soluçavam no trenó, e na senzala, sem amor, sem conforto e sem deus.

— Vae-te, Astaroth, quero rizar e dormir. Vae-te e não te rias assim.

— Adeus, meu senhor, eu sou um demônio e rio-me. Já vou, não vos zanguinei, volto a andar de parceria com a piedade de vossos padres e devotas lá do Brasil.

C.

A convenção sanitaria

O facto primordial da administração publica n'estes ultimos dias — a celebração do pacto internacional, que deve regularizar as nossas relações sanitárias com as repúblicas do Prata, passou quasi despercebido e totalmente o passaria, se a louvável solicitude de um dos diarios d'esta cidade na houvesse levantado a questão, collocando-a segundo o nosso modo de ver, nos seus devidos e justos termos.

A indiferença publica produzida por esse egoísmo feroz e cruel, que lavra entre nós, attinge, prova o bem esta questão, o seu maior grau possível: o abandono do primeiro entre todos os direitos: o direito à vida.

Tendo de operar sobre terreno tão propicio, não é de admirar que o mercantilismo que tudo invade e ava sala, tivesse, como parece que teve, uma vitória prompta e completa.

Ninguem sabe ainda ao certo, as bases científicas, estipuladas pelo conselho internacional, sobre as quais se tem de fundar o código higienico das nossas relações com o Rio da Prata; mas se que se diz por ali em folhas públicas, tom visos de verdade e de certeza, não resta a menor dúvida que quem fallou n'esse congresso não foi a sciencia que é justa e previdente, mas o industrialismo que é cego e crudelíssimo.

A arbitragem celebrada entre países americanos, para a boa harmonia de seus interesses, mais ou menos em conflito, é sem dúvida nenhuma um facto auspicioso que deve alegrar a todos os que aspiram por um regime de paz e de trabalho, mas isso que é muito justo e promissor, não deve fechar os olhos a quem quer que seja, até o ponto de impedir o espetáculo triste da derrota dos bons princípios, derrota que pode originar medonha devastação como a do cholera.

Foram sacrificados segundo parece, os meios prophylaticos do terrível mal e que tem scientificamente resguardado nações inteiras, visões de grandes riscos epidémicos; meios que ainda o anno passado nos preservaram de duas terríveis correntes choléricas: a italiana e a platina.

O silencio oficial que envolve ainda esta questão, co no todas as outras que prendendo-se a interesses supremos, deviam demandar longo exame e debate geral, tolhe-nos até certo ponto o vigor dos conceitos e da opinião.

O regime livre e publico por que se regem as nações platinas permite-nos facilmente conhecer por notícias de torna-viagem os termos da solução do problema.

Dizem que ficou estipulado que as carnes salgadas, os legumes e as graminíneas não são portadores do bacillus fatal, porque n'elles é impossível a sua vida e o seu desenvolvimento.

Quem estabeleceu scientificamente este postulado hygienico?

Quem o verificou pelos processos experimentais de que lança mão a sciencia em tais emergências?

Que autoridades scientificas prestigiam pelo saber e pela honra, sancionaram esta verdade?

Koch, o illustre descobridor do bacillus cholericus e quem melhor tem estudado sua gênese e desenvolvimento, o qual chegou a afirmar sobre esse fermento terrível, foi que elle tinha impossibilidade de germinar nos meios ácidos.

Posteriormente, porém, pôde cultivar-se batata que, como se sabe, contém naturalmente o ácido malico.

Os ácidos orgânicos contidos no xarque não podem, pois, com segurança, presumir-se de pullulação parasitária.

As observações do professor Arevalle, que ao que parece, determinaram a resolução do congresso higienico, respitáveis, sem dúvida, pelo saber e pela honestidade do illustre sabio oriental, não podiam, de modo algum, ter a influencia que tiveram, p'la natureza suspeição do congressista e pela falta absoluta de verificação do princípio admitido.

Verdade scientifica não é o que afirma um homem, seja ele lá quem for no mundo do estudo; q' al'quer proposta só tem fôrmas d'isso depois que debatida e purificada p'la experiência, p'la observação e p'la prática de muitos iguas em saber e em competencia.

As descobertas de Pasteur, as do nosso patrício Freire e as de tantos outros, se bem que tenham agrupado em seu favor um certo numero de probabilidades, ainda estão sujeitas a debate e a controvérsia sem que tenham adquirido por ora o cunho de verdades científicas.

Se isto é assim, como é que homens de incontestável saber aceitam como irrefutável um princípio, cuja inverdade pôde occasionar a hecatombe de populações inteiras?

Porque a franquia das nossas relações internacionais, em épocas epidémicas entenda-se bem, se nos pode trazer a nós o cholera, pode também levar ao Prata a febre amarela, endemic em nossa capital; e quanto a maior somma de probabilidades de invaçao pestilencial seja nos-a, pelo consumo de diversos generos que a nossa incuria nos obriga a importar em alta escala das regiões platinas.

Qual o poder magico que faz esquecer a excelencia das medidas que já adoptamos com grandes sacrifícios de execução e que nos deram soberbos resultados?

Pois é possível que os mesmos homens que em tempos tão recentes aconselharam e puseram em prática o enclausuramento dos portos, completo e absoluto, para a procedencias infecções, é possível que homens que lembraram e conseguiram realizar com grave onus para o Estado a fundação do formidável lazareto, através do qual só pessoas e bagagens podiam ter passagem, depois dos rigores de longas e tremendas quarentenas, é o nível que os mesmos homens que pondo em ação estas medidas tiveram a felicidade de ver a patria livre de um terrível flagello, vinhão agora reformar todo o sistema de defesa experimentado e bem sucedido?

Já se começo a fallar em inutilidade de quarentenas, em ineficacia d'cordões sanitários e em imprestabilidade de desinfecções; bem sabemos que ha quem assim pense e assim proceda, com resultados mais ou menos vantajosos, mas sabemos também, que essa não era a opinião das nossas autoridades sanitárias, que nos levaram à procedimento que só podia ser dictado por crenças inteiramente opostas!

Como se deu esta subita conversão? E' o que não sabemos nem podemos compreender.

As sinceras sympathias que tributamos às repúblicas platinas, a unidade de regime político para a America, pela qual trabalhamos com todas as nossas forças, devem dar arras de nossa sinceridade e boa fé; o que não podemos ver sem graves appreheções, é as portas da patria abertas a uma tremenda desgraça, por aquelles mesmos que com tanta habilidade já souberam evitá-la.

Oxalá não tenhamos de lamentar, no meio dos horrores de uma epidemia cholérica a nossa fraqueza e imprevidencia.

A tremenda responsabilidade dos governantes que dispõem das nossas vidas, essa, infelizmente, nem assim, poderá ser efectiva e real; este povo vive num marasmo brutal e atrofiador, ha de morrer silenciosamente.

Onomatomania

(DE PARVILLE)

Ha mania e mania.

Algumas são innocentissimas; não cito exemplos para não provocá-las por sugestão, posto que as d'essa especie seja lícito deixar viver, com a condição de vigiar-as de perto. Outras ha mais graves e das quais cumpre desconfiar, porque podem acabar por dominar inteiramente o individuo.

Os pathologists não hesitam em lhes dar um lugar entre as degenerescências mentais. Com efeito essas manias constituem verdadeiros symptomas da loucura hereditaria.

Singular máquina a máquina humana! Por mais que venha ao mundo com órgãos novos em folha, dir-se-há que tais órgãos já serviram algures, ou possuem um como reminiscências de antigos hábitos. A máquina sahe inteiramente nova do molde, mas conserava as marcas, boas ou más, que n'ella se acumularam de longa data. O homem é uma synthese de homens.

O alavismo e a hereditariade são potencias soberanas. Nunca esqueceu-o, nem para o passado, nem para o futuro, e o primeiro dever do homem.

Os srs. professor Ch'cot e dr. Mag-nan acabam de atrair a atenção sobre perturbações psychologicas mui singulares e pouco conhecidas.

Dão-lhes o nome genérico de onomatomania. É a mania da palavra. Não haja confusão; não se trata da mania um tanto espalhada de fazer trocadilhos, mas de uma preocupação constante, doentia, de achar uma palavra que escapa à memoria. É obsessão, que se traduz por uma angústia, um tormento implacável, e afinal por verdadeiras crises nervosas.

A onomatomania comprehende casos diversissimos: impotente procura da palavra, obsessão da palavra que se impõe, e impulsão irresistivel de repeti-la, ação funesta de certas palavras que se reproduzem na conversação, influencia favorável de outras expressões, emfin ação surpreendente de uma palavra que se torna para o paciente um verdadeiro corpo sólido, engolido por descendo, que pesa no estomago e pode ser expelido por diversos esforços.

A angustiosa procura de uma palavra consagraram os srs. Ch'cot e Mag-nan o seu primeiro trabalho.

O proprio sr. Ch'cot foi quem teve a bondade de nos contar os interessantes factos que vamos narrar.

Um certo sr. S., de 60 annos de idade, passeando um dia na avenidas dos Campos Elysiós encontra-se com uma pessoa, a quem conhecerá por occasião de uma viagem a Roma. Pára, conversa com ella, e depois de se ter despedido, procura recordar-se do nome do seu conhecido. Não o consegue. Tenta pensar em outra cosa; mas, longe de o poder fazer, persegue-o a necessidade de achar o nome que tem na cabeça. Contrariado, acaba por sentir-se indisposto, sofrer oppressão, e peso no estomago. O rosto sobre-se-lhe de suor; as mãos esfriam; receando desmaiar, elle se apressa a voltar para casa, lamentando-se, afigando-se e percorrendo o aposento a largos passos, em um estado de extrema angústia. Desde esse dia o sr. S. foi muitas vezes vítima da obsessão da palavra. Acabou por imaginar um estratagema que o acalma. Logo que está com uma pessoa, escreve o nome d'ella em uma tira de papel, e quando é preciso, consulta o texto.

Mas está sempre em sobresalto, preocupado com os nomes e apelidos das pessoas que o acaso depara em suas relações: cocheiros, negociantes, fornecedores. Custe o que custar, elle precisa dos nomes. Longe de se limitar, a perturbação psychica extendeu-se, e o sr. S. é impelido a perguntar os nomes de pessoas desconhecidas que encontra na rua, que passam de carro, que viajam em um trem de estrada de ferro. A impossibilidade de satisfazer este desejo enfurece-o. Elle é obrigado a andar de olhos baixos, a não encarar

pessoa alguma, e até a fechar-se em seu quarto. É a loucura da palavra.

Ainda ha melhor, depois da palavra veio o numero.

Esse singular maniaco conta tudo que lhe é servido na mesa, em cada refeição levanta um quadro em que são indicados os numeros de pedaços ou bocados de carne, de pão, o numero de colheradas d'água, de vinho, de leite que vae tomar. Quantas ao leite, conta o numero de gotas contidas em uma colher e o numero de colheres em uma chicara. Chegará em breve a contar as doses homeopathicas. Para que esse calculo? Não o sabe. É ridículo, diz elle, mas sou obrigado a f'zel-o. Si vêm à mesa um tomate, conta as sementes; si é uma pera, uma maçã, enumera as pevides. Uma vez comeu vinte cerejas, e só achou dezenove caramos; procurou o vigesmo por todos os lados e não o encontrou. Que fazer? Si o tivesse engolido? pensa elle. E espera com impaciencia a hora da verificação. Foi lamentavel: ficou de p'até a 4 horas da manhã, procurando o caramo com uma minúcia, um cuidado, uma perseverança, uma febre que não se poderia explicar.

A família não o deixava. Emfin suas pesquisas foram coroadas de sucesso. Deram-lhe um banho, elle deitou-se e adormeceu. Que vida!

Antecedentes: avô pelo menos original, um tio morreu louco, pae muito bravo mas jogador; duas irmãs, uma maníaca, a outra delirante cronica; elle mesmo muito desregrado e sujeito a accessos de melancolia.

Outro exemplo. L., de 46 annos, natureza nervosa, filho de uma mãe extremamente irritavel, teve em 1881 um acesso de delírio allucinatorio. Foi a Paris para negócios, e descansando em um café, leu em uma folha uma noticia sobre uma menina que, tendo escorregado, cahira em um esgoto, abriu para concerto. Elle não conhecia a família da menina, nem o facto lhe interessava. Tomou o trem, e voltou para casa. Alta noite deserta e procura o nome da menina; esquecera-o. Sente imperiosa necessidade de saber. Assenta-se no leito, acorda a mulher, geme; depois levanta-se pálido, angustiado, coberto de suor frio. Grita que sente o peito comprimido como em um estojo, falta-lhe o ar. Logo ao amanhecer, vão buscar o jornal, elle lê o nome de Jorgeta. imediatamente tem grande alívio; está curado.

Desse esse dia, as mesmas scenas; a crise só termina com a descoberta do nome.

Como o outro doente, L... anda munido de um caderno em que inscreve todos os nomes. Hoje não viaja sem o almanak de Bottin.

Moreau (de Tours) já tinha assignado um homem que cahia em crise quando não podia rememorar certos nomes, e que era obrigado a ter constantemente à vista o almanak dos 25000 endereços.

A necessidade de recordar-se extendeu-se para L... as physionomias e as imagens.

Entra-lhe em casa uma mulher. Quando ella se ausenta, diz elle: Essa cara vae me importunar. Com efeito, uma hora depois, evoca sua imagem que lhe escapa. Lamenta-se, chora, sente-se opprimido até poder reconstruir na imaginação as feições daquella mulher. De outra vez, tendo esquecido os traços de uma cliente, faz uma viagem de 5 kilometros para tornar a vê-la.

Durou esse estado douz annos, e cedeu apôs longos passeios, exercícios physicos, jardimagem, e tratamento hydroterapico. Mas fica aberta a porta a todo o cortejo de obsessões e impulsões que acompanham o degenerado hereditario.

Um negociante de Ruão apresenta-se um dia à consulta do sr. Charcot. «Doutor, diz elle, sofro uma molestia singular. Quando não me lembra o nome que quer, fico absolutamente doente; sofoco, tenho crises. — Pois então, replica placidamente o sr. Charcot, mostre-me o seu caderno. — Como sabe o sr.

que eu tenho um caderno? — Eu sei, mestre, é! — Effectivamente o doente tirou da carteira um caderno e o qual por ordem alfabetica estavam inseridos os nomes e endereços de um grandissimo numero de pessoas. E' o caderno de endereços a característica da primeira forma da onomatomania. Os mesmos expedientes, o mesmo remedio.

Mencionam assim os srs. Charcot e Magnan diversas observações que entre si apresentam a maior analogia. Citarei uma por ultimo. O sujeito é homem de 70 annos, mal equilibrado, rico, e sordidamente aváro. Durante muito tempo foi vítima da angustiosa procura da palavra. Para pôr termo à sua angústia e às suas lágrimas, a mulha e a filha vinham em seu socorro e pronunciavam palavras que podiam referir-se à que o doente procurava. Quando chegavam a acha-la, o maníaco ficava aliviado, acalmava-se e ia bem. Quando os primeiros esforços não davam resultado, recorria-se ao dicionário, e muitas páginas eram lidas, às vezes, para se encontrar a palavra. Passar noites em claro a folhear dicionários e para fazer detestar Litttré e a Academia.

A onomatomania não é, pois, uma ilusão. A mania da palavra que escapa à memória é uma realidade. A unguem a desfazem; e uma forma de obsessão que torna a vida desagradável não só para o sujeito, mas também para aqueles que o rodeiam. A causa remota é evidentemente devida à hereditariedade.

effectuando-a agora a bem do serviço público.

O que seguramente não se fará, entretanto, é a demissão do ministro pouco escrupuloso e a sua responsabilidade ou a de quem for autor do falso pedido de remoção.

Não se compadeceria esse proceder propria da corrupção e aviltamento das republicas dissolutas, com a austera probidade dos poderes constitucionais d'esta terra, onde os generaes Caffarelli julgam e administraram e são reos os magistrados honrados.

Gazeta Nacional

Depois d'amanhã começará a publicação da Gazeta Nacional diário republicano, sob a redacção do dr. Aristides Lobo, gerencia do dr. Almeida Pernambuco.

Escriptorio, á rua das Ourives n. 21.

A «PATRIA»

Ha entre nós um político de uma tenacidade admirável; de uma abnegação heroica, não conseguirá desgostal-o a indiferença com que tem sido recebida e considerada sua perseverante dedicação; sempre o inspirará o mesmo fervor pela boa causa; habilitado a descer da justiça dos homens e do valor e utilidade de suas palavras, seu jornal a «Patria» perdura ainda como o santo orgulho do veterano, que no seu abandono, envia seus ultimos clamores para indicar aos que o menos presaram, que elle vai morrer na brecha a despeito de sua ingratidão.

Seu coração, assolado por todas as dores apprendeu nas provações a conhecer todas as delicadezas do sentimento; seu vasto espirito exercido em todas as investigações, conhece todas as veredas emaranhadas por onde, na política, se chega a verdade.

Entretanto parece haver exagero nas suas considerações sobre o papel político representado actualmente por S. A. I. Regente; o facto d'esse papel é incontestavelmente real, mas o da intenção duvidamos que o seja porque ainda por saber se o Governo reintegrara o intrepido Juiz à posse da sua comarca ou terá a Augusta Senhora.

A honestidade monárquica

Ha muito tempo que o Governo Imperial faz uso das demissões e remoções *a pedido* quando necessita exonerar ou transferir de um lugar para outro os magistrados e empregados que em certas localidades ou em certos cargos resistem ou não prestam auxílio aos manejos eleitorais em favor da política oficial.

Servindo-se gratuitamente da formula — a pedido — ou lincando mão de requerimentos apócrifos das autoridades a de nitir, o Governo conseguia sempre o seu intento confiado em que a natural pusillanimidade de muitos funcionários lhe garantia a mais passiva subserviência.

Alguns factos porém teem aberto exceções à deplorável covardia das autoridades brasileiras e ultimamente um ilustre magistrado, o sr. Dr. Soares de Brito, removido da comarca de Santarém, na província do Pará, declarou em artigo publicado na imprensa d'essa província e do Amazonas que não sollicitara a remoção que lhe dera o Ministro da Justiça.

Depois d'este desmentido energico, que vale articular falsidade ao acto do Poder Executivo, estamos curiosos por saber se o Governo reintegrara o intrepido Juiz à posse da sua comarca ou terá a Augusta Senhora.

coragem de reiterar a remoção,

tem talvez toda a malicia necessaria para perceber as subtilidades insidiosas com que seus ministros fazem jogo a sombra de sua responsabilidade. E' a

esses que devemos imputar todos os ardós empregados para sustentar uma situação, que tem necessidade, para se manter, de illudir grosseiramente o público.

E' conhecido e pelo intermedio insuspeito de S. M. a Imperatriz o desejo manifestado pelo Imperador de voltar para o Brasil.

Quer provahe esse desejo da falsa crença do estado satisfactorio de sua saúde, quer do presentimento da morte imminente, na ha razões, que justifiquem a contrariedade oposta a sua vontade em qualquer dos casos muito justa.

Se S. M. I. sente-se tão e capaz de vir de novo assumir o posto, que lhe compete de direito na governação do paiz; não lhe disputem o lugar; se, n'outra hypothese, elle sente precipitar-se os passos da morte, é altamente deshumano prival-o d'esse conchego da familia, que deseja para seus ultimos dias de vida e da satisfação de ver escoar-se sua existencia n'este canto de terra a que elle a dedicou toda.

Pôde S. A. I. Regeute na obcecação de sua ternura filial alimentar ainda a esperança exagerada de ver seu pae restabelecido pelo clima Europeu, é uma fraqueza muito natural; quanto a seus ministros, esses certamente não conservam a menor illusão, sabem que os dias do monarca estão contados, que não tarda o desfecho fatal e procuram tirar o maior proveito possivel do escasso tempo, que lhes resta. Nem pode haver outra explicação plausivel para seu modo de proceder; a elles, que são fortes para embrulhar a nação inteira, não deve ser difícil iludir uma fraca senhora, mais condescedora de sua vida intima que do valor dos homens e das causas, embalando-a com hypocritas e mentirosos protestos de dedicação.

Não seja S. A. I. totalmente surda a voz authorizada d'aquele velho que lhe falla sinceramente, mostrando a estrada franca da verdade; é a voz de quem tem aprendido nas asperezas da vida a conhecer o valor exacto dos homens e das causas.

Hoje dão-nos os vossos homens do governo o espetáculo repugnante d'essa quietude de consciencias e cara-

ctores exposta na ante-camara de um moribundo, mais tarde dar-nos-hão o do tripudio cínico e brutal sobre sua sepultura.

Então talvez, que ao velos de frente e a toda luz, V. A. tenha asco d'esses reptis, que hoje conspiração por seu contacto o limiar de vossa vida de familia e aos quaes deverá o remorso da responsabilidade tremenda em que está incorrendo actualmente, sem duvida inconscientemente.

Volte S. M. I.; será o menor dos males ainda assim.

O contacto da Europa sempre foi de uma influencia benefica para suas idéas, sua volta de lá sempre ficou bem assinalada; diz-nos o coração que esta virá rematar a redenção dos captivos e realizar uma re-expulsão, que já não virá sem tempo.

P. M.

Memorial da folha

ADVOGADOS:

J. Saldanha Marinho.
Alvaro Chaves.
R. Sá Valle.

Rosario, 57.

Cyro de Azevedo.

Becco das Cancellas, 2

Aristides Lobo.

João Coelho G. de Lisboa.
Ourives, 21.

Ubaldino do Amaral.

Jorge do Amaral.

Quitanda, 47.

F. A. Pessoa de Barros.

Carmo, 42.

J. Xavier da Silveira.

Alberto S. M. Torres.

Ovidor, 41.

J. B. Sampaio Ferraz.

S. Pedro 4.

Luiz Murat.

Alexandre Ratisbona.

Quitanda, 42.

J. A. P. de Magalhães Castro.

r. do Hospicio, 31.

Eugenio V. Catta-Preta.

Alfandega, 42.

CHAPEUS

Grande liquidação até 31 de Dezembro por motivo de reforma do estabelecimento

82 - RUA SETE DE SETEMBRO -- 82

Compõe-se o sortimento d'esta casa de um bonito sortimento de chapeus enfeitados, para senhoras, moças e meninas, sendo dos feitos mais modernos; grande sortimento em chapeus para homens e meninos, fabricados nas principaes fabricas de Pariz, Londres e Hamburgo.

Para facilitar ao publico, adoptou-se desde já o sistema de — exposição permanente, com os preços marcados nas fazendas — podendo por esse sistema uma criança comprar, sem receio de ser enganada.

Recommendo, pois aos interessados n'estas vantagens não comprarem chapeus sem visitar a CHAPELARIA DE LONDRES, á Rua Sete de Setembro n. 82.

Chapelaria de Londres

Papelaria e objectos d'escriptorio

ARTIGOS DE FANTASIA

Officina de typographia, gravura e marcação de papel em relevo

FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA

J. M. PARRERA & C.

- RUA DE GONÇALVES DIAS - 63

PROXIMO A' RUA DO OUVIDOR

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA

DEMOCRACIA

Encarrega-se de qualquer trabalho typographico, bem assim de composição, revisão de periodicos, theses, notas commerciaes, programmas, etc.

40 -- Rua de S. José -- 40

LABORATORIO CENTRAL

HOMOEOPATHICO

— DE —

A. G. DE ARAUJO PENNA & COMP.

47 -- Rua da Quitanda -- 47

RIO DE JANEIRO

Fornecedores da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro e do Hospital da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia; premiados nas exposições nacionaes de 1873, 1875 e 1881, e internacionaes do Chile e Philadelphia, pela perfeição e pureza de seus remedios.

Completo sortimento de medicamentos em tinturas e globulos, livros dos melhores autores e todos os artigos de homeopathia.

ESPECIALIDADES

CEREUS BRAZILIENSIS. — Remedio poderoso e effi-
cáz, de uma acção prompta para a cura das affecções do cora-
ção; privilegiado pelo governo imperial.

PHENOLINA PENNA. — Cauterio para acalmar instantaneamente as dôres de dentes mais rebeldes.

CHENOPODIUM ANTHELMINTICUM. — Vermifugo homœopathico em pó, muito efficaz para expellir as lombrigas das criancas.

OPODEDOC DE GUACO. — Poderoso remedio contra o rheumatismo, nevralgias, queimaduras, tumores, inchacões e dôres em geral. O uso d'este linimento é aconselhado pelos medicos mais considerados; sua acção é prompta e seu emprego facil. Toda a casa de familia deve possuir este remedio excellente.

Todos estes preparados encontram-se nas principaes farmacias, drograrias e no

Laboratorio Central Homœopathico

—»: DE :«—

A. G. DE ARAUJO PENNA & COMP.

RUA DA QUITANDA, 47

MODAS

A casa franceza de Mme. Marie, á rua de Gonçalves Dias n. 39, tem sempre um grande sortimento de chapéus para senhoras, fitas, flores, plumas, etc.

Enforma chapéos, tinge plumas, fabrica e concerta leques.

39--RUA DE GONÇALVES DIAS--39